

E X T I N Ç Ã O

# EXTINÇÃO

COLEÇÃO

ESTADO  de SÍTIO

PAULO ARANTES

**BOITEMPO**  
EDITORIAL

Copyright © Paulo Eduardo Arantes  
Copyright desta edição © Boitempo Editorial, 2007

*Coordenação editorial* Ivana Jinkings  
João Alexandre Peschanski

*Editora-assistente* Ana Paula Castellani

*Preparação de texto* Bibiana Leme

*Revisão* Denise Ceron

*Capa* Antonio Kehl  
sobre projeto de Andrei Polessi  
e foto de Reynaldo Ramon, extraída  
do site [www.defendamerica.mil](http://www.defendamerica.mil)

*Editoração eletrônica* Veridiana Magalhães

*Produção* Marcel Iha

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

A684e

Arantes, Paulo Eduardo, 1942-  
Extinção / Paulo Arantes. - São Paulo : Boitempo, 2007  
(Estado de sítio)

ISBN 978-85-7559-090-4

1. Filosofia brasileira. 2. Crise econômica. 3. Capitalismo.  
4. História social. I. Título. II. Série.

06-4391.

CDD 199.81

CDU 1(81)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá  
ser utilizada ou reproduzida sem autorização da editora.

1ª edição: fevereiro de 2007

BOITEMPO EDITORIAL  
Jinkings Editores Associados Ltda.  
Rua Euclides de Andrade, 27 Perdizes  
05030-030 São Paulo SP  
Tel./fax: (11) 3875-7250 / 3872-6869  
e-mail: [editor@boitempoeditorial.com.br](mailto:editor@boitempoeditorial.com.br)  
site: [www.boitempoeditorial.com.br](http://www.boitempoeditorial.com.br)

## SUMÁRIO

<i>Prefácio: A exceção à regra</i> .....	7
Laymert Garcia dos Santos	
1	
Diante da guerra .....	25
Notícias de uma guerra cosmopolita .....	31
Cavalaria global.....	99
Guerra sem névoa.....	135
2	
Estado de sítio .....	153
A viagem redonda do capitalismo de acesso .....	167
Último <i>round</i> .....	179
3	
Arturo Ui.....	193
Pensando por fora .....	199
4	
Fim de jogo .....	213
Um intelectual destrutivo .....	229
A cultura do excesso .....	235
5	
Fim de um ciclo mental .....	247
O governo Lula acabou? .....	253
A Crise: perguntas e respostas no calor da hora .....	255
O que vem por aí? .....	263

Quase dois irmãos.....	267
Bem-vindos ao deserto brasileiro do real .....	273
Fim de linha ou marco zero? .....	279
Qual política? .....	285
6	
Duas vezes pânico na cidade .....	295
<i>Fontes dos textos</i> .....	313
<i>Obras do autor</i> .....	317

## DIANTE DA GUERRA

No início dos anos 1980, o filósofo Cornelius Castoriadis afirmou que nos encontrávamos *diante da guerra*. Não estava com isso fazendo qualquer previsão sobre a proximidade maior ou menor de um conflito armado global a caminho. Diante da guerra não queria dizer *antes da guerra*. Simplesmente, por assim dizer, orientar-se em uma situação em que a perspectiva da guerra (nuclear...) passara a ser o horizonte incontornável de nosso tempo, e a recuperação da capacidade política de julgar, uma questão de vida ou morte. Num certo sentido, porém, estava diante de *uma* guerra nada intangível. A então recente invasão soviética do Afeganistão, somada à perda do Irã no início do mesmo ano para um regime islâmico radical, entre outras reviravoltas geopolíticas (como a vitória sandinista na Nicarágua) e geoeconômicas (como a onda reestatizante do petróleo árabe nos anos 70), anunciava o início da Segunda Guerra Fria, como Fred Halliday denominou a escalada dos anos 1980, tanto na corrida armamentista – a correlação das forças mortas, como dizia Castoriadis – quanto no confronto político-ideológico reaberto pela ofensiva Reagan/Thatcher.

Pois, a Segunda Guerra Fria também terminou. *E, no entanto, continuamos diante da guerra*. Ou, por outra: se Hobsbawm tem razão, ninguém saberia dizer ao certo *o que, afinal, temos pela frente*. A seu ver, “ainda é um tema a ser debatido o quanto

as ações em que as Forças Armadas norte-americanas têm estado envolvidas, desde o fim da Guerra Fria, em várias partes do globo, constituem ou não uma continuação da Era da Guerra Mundial”. Não tenho a menor pretensão de oferecer uma resposta cabal. Mesmo assim, creio que ajudará um pouco perceber de saída que, a rigor, não estamos mais – literalmente – diante da guerra.

A guerra do Iraque não veio a nosso encontro. Ela não “estourou”, como se dizia em tempos que hoje parecem antediluvianos. Aliás, nenhuma das atuais guerras norte-americanas “eclouiu”. Muito menos essa. “Essa é uma guerra muito diferente de qualquer outra já travada pelos Estados Unidos. Falta-lhe um *casus belli*. Não houve Pearl Harbor, nem um ataque nazista não provocado à Polônia. Tampouco, por falar nisso, a prova irrefutável de malfeito por parte de Saddam.” Palavras insuspeitas de um dos ideólogos da estratégia terrorista do Choque e Pavor, é verdade que ditas em um momento de euforia, pouco antes do fiasco da estréia. Trata-se, em suma, de uma guerra preventiva, como se diz na doutrina oficializada em setembro de 2002. De fato uma categoria muito diferente de guerra, nada menos do que “o uso da força para eliminar uma ameaça forjada”, conforme emendou Chomsky. A inovação sinistra não se limita por certo a essa trivialidade policial, assim como a idéia de prevenção. Era de se imaginar, desde que a idéia bárbara de guerra justa voltou a circular a partir da Guerra do Golfo. Assim, não pode mesmo “estourar” – a menos que se tenha em mente uma operação relâmpago de “decapitação”, no pentagonês do dia – uma guerra por tanto tempo “desejada e planejada”, como lamenta o pró-norte-americano confesso Günter Grass, acabrunhado com a decadência moral da primeira potência planetária.

Na verdade, estamos diante de uma tremenda reviravolta. As guerras modernas “estouravam” porque eram o que sempre fo-

ram: a súbita irrupção de um flagelo. Como os espanhóis e os microparasitas tomando de assalto as sociedades pré-colombianas. Noutros tempos, dir-se-ia que a predação inter-humana da guerra imperialista se iguala às forças destrutivas da própria natureza. Vista desse ângulo, a atual guerra por energia fóssil – ou, se preferirmos, para lastrear pelo poder das armas o dinheiro mundial, também ele *under attack* – produz igual dose de entropia e caos sistêmico, como uma nova desertificação. Richard Blackburn, cujo raciocínio teórico estou glosando, poderia dizer muito bem que a superpotência restante, no afã de contra-arrestar a própria corrosão, está contornando as forças destrutivas que a consomem, repassando-as por meio da extorsão de tributos e excedentes de outras sociedades. Por mais que Clausewitz tenha se esforçado por entroncar a violência cega da guerra na rota política da razão e da vontade, ela nunca deixou de emanar do reino mesmo da necessidade, expresso na ilimitação inerente a todo esforço bélico. Daí a relutância que os Estados pelo menos precisam aparentar quando lançam mão desse último recurso. Afirmar que a guerra é um mal necessário é mais do que apenas parolagem edificante, é admitir que ela procede dessa esfera inferior e tenebrosa em que as sociedades estão cruamente empenhadas em impedir sua destruição.

Estar diante da guerra é confrontar-se antes de tudo com uma “necessidade” dessas. Ora, a guerra preventiva sistêmica – incursões terroristas avulsas incluídas – não só inverteu, como perverteu de vez todo esse mortífero dispositivo moderno, intercambiando necessidade e liberdade, no caso, política e naturalização da máquina de guerra. Não é, portanto, incompreensível o pasmo provocado por uma guerra que *não foi colocada a nossa frente*, na fórmula exata de um desconsolado *expert* norte-americano. “Nós optamos por ela.” Esse o fato espantoso, acrescenta, se o contribuinte norte-americano, entorpecido pelas imagens de guerras anti-septicamente precisas, já não o consi-

derasse, há muito tempo, parte da ordem natural das coisas, enquanto os governantes vão transferindo cada vez mais a um núcleo do poder militar a tarefa de “moldar o ambiente” – isto é, governar por meio de uma pressão militar contínua, doméstica e mundial.

O sistema capitalista de exploração e controle se caracteriza pela autonomização recorrente de processos sociais que passam a funcionar como uma segunda natureza. A sensação de que a administração Bush perdeu o contato com a realidade se explica em grande parte por essa circunstância. Num certo sentido, a paranóia que a impulsiona é objetiva, pois obedece a uma tal necessidade de segundo grau. No entanto, não é menos verdadeiro que se trata de uma guerra por *escolha*, e não por necessidade. A analogia com o etos guerreiro do *cowboy* tem sua razão de ser: numa guerra preventiva, em princípio também vence quem saca primeiro, porém na segunda ou terceira guerra não se poderá mais ignorar o aberrante automatismo do gesto.

Como ficamos? Durante a era da mútua destruição assegurada pelo equilíbrio do terror termonuclear, só podíamos nos situar diante da guerra como a perspectiva absoluta de nosso tempo, como quem se vê indefeso diante de uma calamidade natural. Qual a resposta política a uma chuva radioativa? Como lembrado por Oskar Negt e Alexander Kluge, diante das grandes catástrofes que se abatem sobre nós, tornamo-nos como que intrinsecamente apolíticos, isto é, *peças sem resposta*. A guerra nuclear “estourando” seria a eclosão do incomensurável, a ausência de qualquer medida comum entre os humanos e a Bomba. A atual revolução tecnológica nos assuntos militares, ao romper com essa lógica inercial, deu a vitória ao lado que primeiro conquistou a capacidade letal por meio do novo arsenal *high-tech*. O problema com o armamento nuclear é que ele não pode ser empregado, o primeiro lance já é o ato final da guerra absoluta, o acidente total em que o reino da necessidade enfim reabsorveria a efêmera província da

liberdade. Deu-se então a espantosa reviravolta de que estamos falando, a miragem da iniciativa política reconquistada em face da anterior paralisia das vontades a caminho da hecatombe. É que a referida revolução militar devolveu ao *establishment* vencedor a faculdade de voltar a encarar a guerra de alma leve, pois, afinal, trata-se, outra vez, da continuação da política. Mas, com ela, a chance da impunidade moral propiciada pelo exercício sem limites da assimetria militar. Algo como uma anomia tecnológica. Simplesmente se deu uma derradeira volta no parafuso da alienação. Alguma dúvida? Durante a guerra do Kosovo, um entusiasta do humanismo militar como Michael Ignatieff observou que “a beleza de tais armas” é que elas podem ser usadas. Pouco tempo depois, pediria uma intervenção “imperial e sem piedade” no Iraque. Não estamos mais diante da guerra, mas, agora sim, diante da política como mera continuação da guerra.